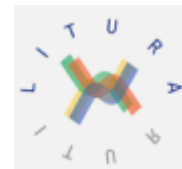


Cortar um rio♦

Marcus André Vieira



1.

O movimento é simples. Levantar-se da cadeira e eventualmente andar até a porta. Em uma sessão de análise, porém, esse deslocamento corporal pode ter valor estrutural, o de um evento, com antes e depois, ponto de virada. A cultura *psi* o nomeia “corte lacaniano”, nós, apenas, *corte*.

Para que o fim da sessão possa ser um corte devem ser levados em consideração os elementos constituintes do dispositivo analítico - ao menos três.

Como o lugar de onde se *fala* é o divã, levantar-se e abrir a porta não terá valor se o movimento vem de quem está deitado. De fato, quando se é o agente do que se enuncia (como nesse caso), partir para a ação dificilmente interrompe o discurso. A fala apenas prossegue por outros meios - o que é ainda mais verdade no dispositivo analítico, em que a fala não se reduz à verbalização. Levantar-se, reclamar da decoração ou de desatenção, tudo será lido em relação ao que estava sendo dito.

O corte se define pela interrupção do discurso analisante e, portanto, só pode se dar por meio de um elemento heterogêneo a esse discurso. Por isso, deve vir do *corpo* que está na poltrona. É ele que se intromete.

2.

Mas não basta o deslocamento deste corpo, ele sempre pode ser lido como o de um amigo, ou mesmo inimigo - que, por exemplo, quer ajudar ou dominar. Qualquer corpo pode ser incorporado ao fluxo geral do discurso analisante. Como cortar um rio? Para que haja corte, há que se acrescentar algo mais: esse gesto precisa vir do corpo que encarna a *função analista*.

Tomando por base o *discurso do analista* tal como formalizado por J. Lacan, podemos dizer que essa função se liga à presença de alguma coisa fora do discurso que, no entanto, todo discurso, de maneira paradoxal, inclui. É o que chamamos de *gozo*.

O corte, então, depende da presença do gozo na sessão. Certo. Definir, porém, o que queremos delimitar a partir de um termo que não conseguimos definir parece só trocar seis por meia dúzia. Então, seguindo esse jogo de bonecas russas: como delimitar, aqui, o que entendemos por gozo?

Existem muitas maneiras de definir o que Lacan situa com esse termo. Ficaremos com uma delas, do *Seminário 20*. O gozo é aquilo que, do corpo, *não serve para nada*. Então, existe um tanto de vida no corpo que muitas vezes perturba mais que ajuda. Por um lado, gozamos da vida, por caminhos de prazer mais ou menos conhecidos: comer, passear, ir ao cinema. Por outro, há momentos em que a vida parece gozar de nós, no excesso sem remédio que nos toma. Vale, então, distinguir o *gozar* da vida, com mais ou menos prazer, do *gozo* como tal, transtorno e assombro com o que, da vida, não tem nem caminho nem limites. É a vida nua, nos termos de Agambem.

A função analista está ligada ao gozo como tal e não ao gozar disso ou daquilo, ao gozo quando se solta do gozar e apenas é - transbordo da vida sem rima, nem razão. Haverá análise quando houver encontro com esse gozo, pois é ele que promove o acontecimento, já que perturba o eu e seus caminhos conhecidos com a presença de uma parte da vida que é puro absurdo.

♦ Redigido originalmente para o boletim do *XI Enapol* (Encontro Americano de Psicanálise de Orientação Lacaniana). Versão remanejada e aumentada para o curso *Fazer Análise*, do ICP-RJ.

3.

Há ainda uma última boneca russa a ser aberta, pois não há mais de um modo de encontro com o gozo e apenas um servirá ao *ato analítico*. Caso seja vivido como puro furo, o gozo será silêncio, o real da vida como mistério, abismo, mas não corte. Ele pode ainda ser tomado a partir de sentidos pré-definidos. Neste caso, seu excesso será trazido de volta ao campo do sentido como afeto, sentimento, emoção. É quando passamos, por exemplo, do encontro com a loucura da mãe, que nos tira o chão, ao velho conhecido solo da tristeza e do abandono por nunca ter sido amado por ela. Pelo gozo com inefável ou como afeto, seguimos imersos no adormecedor discurso analisante.

É preciso gozo e texto. Necessariamente será um *fragmento* de simbólico (S1), um pedaço de cena, de cor ou cheiro, ou palavra sem-sentido ou absurda, que virá como se do real fosse por não ser reconhecido pelo modo de fala que organiza a história analisante, o *discurso do mestre* (S1-S2). É fala, mas fora do encadeamento. É quando, por exemplo, o Homem dos Ratos, criança, em reação violenta à repressão do pai, põe-se a xingá-lo com os termos de que dispõe, fora do sentido, gritando: *Seu prato! Seu cadeira!*

Este desencadeado do inconsciente, o de uma lembrança como essa, por exemplo é a mola do gesto do corte. Ele é ao mesmo tempo fala (S1), mas, por ser resto, veicula um gozo fora do sentido (a). O analista é aquele que pode se deixar tomar por essa apresentação do real do inconsciente e, submetido a ela, interromper a sessão. O gozo que o material inconsciente veicula, lança o movimento do corpo do praticante, apenas neste caso e neste momento, tornado agente do *discurso do analista*.

Teremos ido, assim, do gesto ao *ato*, ruptura que é acontecimento: surpresa, reconfiguração, subversão.

4.

Enfim reunimos os muitos elementos de que esse pequeno gesto é grávido. Mas atenção! Estamos apenas dramatizando uma estrutura. Claro que o praticante pode não se levantar para cortar. Se diz, porém, algo como “vamos parar por aqui”, um apelo ao pacto, ou “vou parar você por aqui” uma imposição, seu gesto perde muito em efeito performativo e se afasta do ato.

O essencial é sua urgência em não deixar passar os elementos de discurso fora do encadeamento. É a *pressa* do apólogo lacaniano na dança dos três prisioneiros, assim sintetizada: “se eu não me apressar em sustentar um desses fragmentos para interromper, jamais haverá o analista”. Outros materiais poderiam seguir-se a este? Talvez melhores? Nunca saberemos.

Essa é a estrutura de temporalidade da *surpresa*. Ela é processo e produto, tanto precisa ser construída quanto lançada na pressa, tanto precisa de um meio, o corpo do analista, quanto de uma *substância gozante* e, finalmente, precisa de um Outro, o do analisante.

Tudo se realiza no que acontece do lado do analisante. É preciso um assentimento ao corte como acontecimento e este se dá pela transferência como *playground*, nos termos de Freud. É preciso que se possa receber a interpretação nas tripas, mas para isso - importante em nosso meio - não se pode estar ali como *matável** Apesar da mitologia hegeliana do mestre e do escravo, ninguém ali é servo.

Não é preciso, para que uma análise aconteça, que ao menos de vez em quando seja assim o encontro analítico?

* A noção de vidas matáveis integra a necropolítica, delimitada por Achille Mbembe e materializada de forma cruel e cotidiana nas periferias e favelas brasileiras, sobretudo contra a população negra.